

Sínteses – Revista dos Cursos de Pós-Graduação	Vol. 12	p.311-318	2007
--	---------	-----------	------

ÀS VOLTAS COM BABEL: DERRIDA E A TRADUÇÃO (CATACRÉSTICA)¹

Francisco de Fátima da SILVA

RESUMO: Com enfoque no ensaio “Des tours de Babel” publicado em *Psyché* e suas traduções para o inglês, o espanhol, o italiano e o português brasileiro, o objetivo foi caracterizar um tipo de tradução observada nos textos de Derrida, tomando de empréstimo uma figura retórica, a catacrese. O interesse pelo tema se justifica por seu caráter praticamente inédito no âmbito das reflexões realizadas no Brasil, não fosse o empenho do grupo de pesquisa Traduzir Derrida: políticas e desconstruções, que procura preencher essa lacuna. Derrida lança mão de mecanismos retóricos, tais como os tropos, em sua reflexão sobre a tradução; em uma linguagem filosófica, faz uma leitura de “A tarefa do tradutor”, de Benjamin, procurando suplementá-lo de várias formas. A hipótese diretiva de nossa pesquisa é a de que a boa tradução deve abusar, como num efeito de torção do sentido, num interminável double bind produzindo assim a “tradução catacréstica” que se caracteriza pelo comentário, a oposição de notas e a propensão ao uso de palavras estrangeiras (em situação parentética), como se quer demonstrar neste trabalho.

ABSTRACT: Focusing at the essay “Des tours de Babel” edited in *Psyché* and its versions to English, Spanish, Italian, and Brazilian Portuguese, respectively. The aim has been to define a type of translation noticed in the Derrida’s texts, borrowing a rhetorical figure, the cathacrese. The interest for the theme of translation within Derrida justifies itself by its fully new aspect in the domain of researches produced in Brazil, exception made to research community Traduzir Derrida: políticas e desconstruções, which searches for fulfilling this breach. Derrida uses rhetorical devices, such as tropes, within his study about translation; under a philosophical language, he reads the Benjamin’s essay “The task of translator”, looking for supplying him in many ways. The hypothesis of this research contends that the good translation must abuse, like in a torsion effect of the meaning, in an endless double bind, producing the “cathacrestical translation” which is defined by comments, notes aposition, and propensity in using foreign words (in parenthetical situation), as this work intends to show off.

“Às voltas com Babel”. Bem que poderia ser a tradução de um dos mais influentes e surpreendentes ensaios de Jacques Derrida, “Des tours de Babel”. Esse ensaio oferece uma tradução da tradução do prefácio “Die Aufgabe des Übersetzers” de Walter Benjamin, traduzido para o francês como “La tâche du traducteur”, e, curiosamente, veio a ser traduzida para o português brasileiro como “A tarefa-renúncia do tradutor”², mas que é comum e simplesmente citado como “A tarefa do tradutor”. O ensaio derridiano consolidou-se como ensaio de reconhecida importância a partir de sua tradução para o inglês, publicada em *Difference in translation* (1985, pp. 165-207) do editor e tradutor Joseph F. Graham; a versão inglesa traz como apêndice a versão francesa, esta republicada dois anos mais tarde em *Psyché: inventions de l’autre I* (1987-98), obra reeditada onze anos depois. O ensaio ainda foi traduzido para o

¹ Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentada ao Curso de Lingüística Aplicada, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 21 de março de 2006, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Roberto Ottoni.

² Susana Kampff Lages, ao traduzir a partir do alemão, preferiu manter a pluralidade de sentidos da palavra *Aufgabe* que significa, entre outras coisas, tarefa, dever, problema, questão, lição, resignação, desistência (Heidermann, 2001, p. 189).

espanhol, por Carmen Olmedo e Patrício Peñalver (1987a, pp. 35-68), para o italiano, por Stefano Rosso (1982, pp. 67-97) e para o português brasileiro, por Junia Barreto (2002).

O que denominamos de tradução da tradução é nada mais nada menos do que uma leitura-tradução, praticada por Derrida. Uma leitura que “em lugar de tratar sobre o modo teórico, tenta *traduzir ao [seu] modo a tradução* de um outro texto sobre a tradução” (Silva, 2006, p. 17; grifo nosso). Sua “tradução” visa explorar, principalmente, a antinomia dialética em Benjamin, derivada do argumento esotérico, essa antinomia se presta para definir a tradução em Derrida a partir de Benjamin: a tradução necessária e impossível; enfatiza também a questão do nome próprio, de sua *quase* intraduzibilidade, problematizando definições de tradução como a de Roman Jakobson; discorre sobre a questão da dívida a que se submete o tradutor e interpreta as metáforas benjaminianas, por meio das quais comenta noções como direito de autoria, verdade, código religioso e assinatura. Derrida ainda retoma e expande algumas idéias apresentadas anteriormente em *L’oreille de l’autre*.

A tradução em Derrida abuse, procede a um gesto catacréstico, em meio a notas, paráfrases e comentários, sempre com um significante estrangeiro hospedando a língua traduzente. Ao traduzir Derrida, nos lembra Elida Ferreira, “escrever com ele e ter de suportar este evento singular em disseminação, impõe-se um movimento em desconstrução para sempre diferente e adiado” (2003, p. 5). Afinal, o próprio Derrida declara, em sua introdução à tradução de *L’origine de la géométrie*, que “a possibilidade da tradução, que se confunde com a da tradição, está aberta ao infinito...” (Husserl, 1995, p.64).

1. DA TRADUÇÃO CATACRÉSTICA EM DERRIDA: A RETÓRICA DA INVENÇÃO

Considere-se que o sentido não está na origem. A ausência é constitutiva da linguagem. É nisto que consiste o uso da catacrese como uma figura representativa do ato tradutório, pois ela se encontra na origem dos tropos, caracterizada pela falta da palavra própria e a carência, a necessidade de suprir essa falta. Ela aparece como uma metáfora necessária, forçada, e mesmo de invenção. É o que denominaríamos de tradução catacréstica, aquela que se atém às formas da língua traduzente – a sua elegância e forma de expressão própria, acrescida das palavras da língua traduzida, estas necessárias à sua constituição. Ela porta um quê de invenção, ela transforma todos os envolvidos: língua, idioma, linguagem. Nesse sentido, a tradução catacréstica se define também por seu caráter abusivo, pela torção de sentido que ela produz. É a tradução de que Derrida pouco falou, mas sempre praticou, que desconstrói o original na sua intencionalidade, que transforma e produz sentidos, que promove o crescimento da língua. Quando Derrida escreve que o “original [...] começa pela falta e exige a tradução” (Silva, 2006, p. 27) é pelo seguinte motivo: “se o original exige um complemento, é porque na origem, ele não estava lá sem falta, completo, total, idêntico a si”, e também porque “a” tradução será na verdade um momento no crescimento do

original...”(p. 31). Esta justaposição de definições bem poderia servir para introduzir a questão da metalinguagem sobre a tradução.

Pensar a tradução, tomando de empréstimo as palavras de Derrida, n“a origem é uma especulação [...] daí o mito e a hipótese” (1980, p. 395). Com isso, talvez possamos ver aí uma urdidura retórica, figura catacréstica, que oculta e revela ao mesmo tempo o modo retórico do discurso sobre a tradução. A importância da retórica pode ser observada na seguinte citação que corrobora nossas considerações, nas palavras de Siscar,

Derrida não coloca somente a retórica no centro, mas, aliás, *ele afirma que é preciso fazê-lo* (cada um destes termos merecendo longos comentários [desvios]). Afirmar o desvio originário da “metáfora” implica um trabalho do conceito. O desvio originário é uma espécie de conceito: mas de que gênero? A “articulação” que advém de uma tal “retificação” deveria colocar a retórica e a lógica no mesmo dispositivo do “efeito”, como sugere Derrida (M, p. 314), mas isto implica, ao mesmo tempo, uma ruptura com relação a uma *teoria* do próprio efeito. Assim, a figuração generalizada não pode mais se acomodar numa noção toda construída na retórica ou num efeito retórico, isto é, num conceito do efeito ou da retórica. Se há alguma coisa como a retórica, ela deveria colocar em questão, primeiramente, a validade da oposição que separa um tal conceito da lógica, trabalhando no “questionamento das partilhas” (1998, p. 70; grifo do autor).

Falar de tradução é sempre tomar de empréstimo as figuras da retórica para construir um discurso que tenta definir a tradução em sua singularidade, daí o desafio de uma tese que deverá tomar de empréstimo uma das figuras da retórica para definir e/ou descrever a tradução do ensaio de Derrida (a catacrese por excelência).

A catacrese, como as figuras de linguagem em geral (a metafórica), visa a um efeito de economia na linguagem. Apesar de ser uma prioridade na tradução, a questão da economia é também um dos problemas centrais na tradução. Para traduzir uma palavra sem equivalente na língua de chegada, por exemplo, *it* por “ela” ou “ele”, “sem perder muito, devemos fazer uma nota, desse modo cede[ndo] a uma obra de interpretação o que corrompe a economia da tradução estritamente falando - a tradução lingüística. Este o problema quantitativo da tradução” (Derrida, 1990b, p. 155).

na condição de uma certa *economia* que aproxima o traduzível do intraduzível, não como se aproxima o mesmo do outro, mas o mesmo ao mesmo ou o outro ao outro. “Economia”, aqui, significaria duas coisas, *propriedade e quantidade*: *por um lado*, aquilo que concerne à lei da *propriedade* (*oikonomia*, a lei, *nomos*, daquilo que é próprio, apropriado a si, em casa – e a tradução é sempre uma tentativa de apropriação que visa transportar para casa, na sua língua, o mais decentemente possível, da maneira mais relevante possível, o sentido mais próprio do original, mesmo se for o sentido mais próprio de uma figura, de uma metáfora, de uma metonímia, de uma catacrese ou de uma indecível impropriedade –) e, *por outro lado*, à lei de *quantidade*: quando se fala sempre de quantidade calculável (1999a, pp. 25-6; grifo do autor).

Economicamente, a tradução corrompe, e, com isso, traduzir será sempre um abuso que pode ser exemplificado por uma observação parentética de Derrida quando diz: “sempre cito a tradução francesa, contentando-me em incluir, aqui ou ali, uma palavra alemã [um exemplo dentre outros] que satisfaça meu propósito” (Silva, 2006, p. 19). Isso parece um trabalho de crítica, de análise, mas a desconstrução não pretende ser

nem uma teoria, nem mesmo uma crítica. Neste ponto vale citar um depoimento de Derrida a Carmen Gonzáles-Marin:

Nunca os textos traduzidos dizem a mesma coisa que o original. Sempre ocorre algo novo. Inclusive, ou sobretudo, nas boas traduções. [...] Creio, sim, que o texto traduzido porta outra coisa; mas outra coisa que está em relação consigo mesma. Este é o paradoxo da tradução – pelo qual me interessa, pois nele trabalho o tempo todo... (*apud* Ferreira, 2003, p. 107).

Aqui o paradoxo é o de uma tradução catacréstica que hospeda algo de novo da e na língua, uma tradução que em Derrida fala várias línguas, na medida em que hospeda mais de uma língua na língua, na medida em que dá lugar ao monolíngüismo do outro, transborda textos, escrituras e assinaturas. Ela tem mão dupla, ou seja, parte de um certo conceito para uma prática (abusiva talvez), mas também, de uma certa prática para um conceito (catacréstico talvez), ou ainda, do que se denomina de metalinguagem e processo. Derrida trata da tradução a partir de suas margens, vale dizer, de seus elementos mais excluídos, aqueles que perturbam o sistema: o nome próprio e o idioma. Seriam eles os vilões de uma certa sistematização estrutural, à qual se submeteria a tradução, e, ao não conseguir completar tal estrutura, desconstruir-se-ia, pois ela neles encontraria seu limite? A desconstrução da torre nos dá uma boa idéia do que a tradução suporta, isto é, a multiplicidade de vozes, de idiomas, o que coloca um problema para a teoria tradicional de tradução – um desafio para os tradutores e tradutoras.

2. OS NÓS DO INTRADUZÍVEL: INDECIDIBILIDADE

Ao se falar da indecidibilidade, ou mesmo, dos nós do intraduzível, poder-se-ia começar com a sentença que abre o ensaio “Às voltas com Babel”: “Babel: un nom propre d’abord, soit”, nada mais fácil do que traduzir; acredita-se: “‘Babel’: first a proper name, granted”, diz-se em inglês; “Babele: in primo luogo un nome proprio, d’accordo”, verte-se em italiano; “Babel: en primer lugar un nombre propio, sea”, interpreta-se em espanhol; “Babel: antes de tudo um nome próprio, seja”, traduz-se em português. Considerem-se as vicissitudes do inglês, bem como da latinidade do italiano e do português, neste caso, e de suas sintaxes. Eu diria que há uma corrupção no sentido de uma economia sintática e lingüística. É nesse sentido que traduzo por “Babel: um nome próprio antes de qualquer coisa, que seja”, justificando-me pelo modo de visada do português.

O que justifica a tradução do ensaio, ou melhor, a retradução por mim empreendida é que à parte do texto, as palavras ou sentenças podem adquirir significados completamente desvinculados do *contexto* do texto. As palavras a seguir só poderão fazer sentido em uma cadeia de significação, embora ela não seja uma clausura para o texto em geral. Traduzir sentenças, traduzir palavras, traduzir textos. Três dimensões diferentes que devem se entrelaçar.

Equívoco ou não, quando se trata de termos importantes, aqueles considerados “essenciais” dentro de um determinado discurso, a escolha acaba por produzir uma leitura não desejável. Dentro do contexto da obra de Derrida, algumas palavras, como *trace* (p. 219), que, ao ser traduzida como “vestígio” (Derrida, 2002, p. 42), certamente

produz significados que perdem seu sentido em uma rede de significações que a Desconstrução acaba por construir. Talvez estejamos dentro de uma problemática da adequação, que é imprescindível no interior de toda uma cadeia de significação proposta por Derrida, mas não se trata, com isso, de determinar um sentido exato. Para justificar nossa preocupação, partamos para a análise da palavra *trace*, que bem poderia ser traduzida neste contexto por “traço”³, devido ao seu caráter disseminatório, e não “rastro”, como sói acontecer, e nem vestígio.

A idéia de traço tem a ver com a noção de origem, não que se trate de determinar qualquer origem que seja, mas sim de encenar uma origem que não está lá. Traço é comumente definido como uma característica determinante da essência ou da natureza de um ser ou coisa. Essa definição nos remete à concepção de Derrida, segundo a qual uma origem que só pode ser determinada como “traço”. Em sua discussão da metáfora, ele afirma que “a metáfora é o *traço* que reporta a língua à sua origem” (1973, p. 330). Rastro deveria, em princípio, ser definido como aquilo que nos leva a alguém ou a algo; é sinônimo de indício e sinal. Uma definição restrita demais para dar conta da cadeia de significação que o termo “traço” carrega em si. Outro sinônimo utilizado é a palavra “vestígio”, definida como aquilo que restou (de alguma coisa que se destruiu, que desapareceu). Apesar de aparentemente estar de acordo com a idéia de *desconstrução*, não a traduz perfeitamente. A idéia de traço tem a ver com a noção de cada signo é formado, particularmente, como oposição binária, deixando sempre um resto de diferença que lhe dá significado. Esse fenômeno dá cabo à idéia de que cada conceito pode existir por si só, conter seu próprio significado, sua própria presença. Quando aplicado ao sistema como todo, o traço é reprimido pelo *lógos*: o *lógos* dá ilusão de que o sistema é fundamentado na presença. Nota-se que tanto o significante quanto o significado são vítimas desse jogo, dessa indecidibilidade: Derrida desconstrói tal oposição, quando afirma que “em última instância a diferença entre significado e significante *não é nada*” (1973, pp. 27-8; grifo de Derrida).

Vale ressaltar que o efeito de propriedade intraduzível tem a ver com a singularidade de um evento, que contém uma força performativa, muito mais do que com um nome ou com a verdade da adequação. Retorcer o sentido, eis uma das funções da catacrese (uma figura que, por uma espécie de abuso, substitui a palavra própria e precisa por uma palavra de sentido vizinho e aproximativo): um nome “antigo” para nomear algo atual. Certamente, uma mesma figura nem sempre produz o mesmo efeito argumentativo. Ora, é isso que nos interessa. Em vez de proceder a um exame exaustivo de todas as figuras tradicionais, talvez fosse necessário perguntarmo-nos se certas figuras são aptas para cumprir a função que reconhecemos nesse procedimento. A

³ Ato ou efeito de traçar; linha ou risco feito com carvão, giz, lápis, pena, pincel, buril etc.; maneira característica de desenhar; linha do rosto; lineamento, feição, fisionomia; qualidade de ser parecido; parecença, semelhança; característica determinante da essência ou da natureza de um ser ou coisa; caráter, qualidade. Em termos lingüísticos, significa propriedade de um elemento lingüístico, que o caracteriza. Em sentido figurado, aquilo que restou (de algo que desapareceu ou se destruiu); vestígio, rastro, sinal; conjunto de elementos, que delineia alguma coisa; esboço, delineamento, traçado; passagem, trecho, parte de uma obra ou de um discurso; parte de um todo; trecho, paisagem; o que acontece ou aconteceu; fato ocorrido; episódio, caso, lance, sucesso; quantidade mínima. Na geometria, quer dizer ponto ou linha de interseção de uma reta ou de um plano com outro. Na artes gráficas, imagem impressa sem qualquer meio-tom, formada por chapados, linhas ou pontos sem retícula.

autofagia está ligada ao ato de devorar a si mesmo. A antropofagia, ao ato de devorar o outro. Traduzir é devorar o outro : desconstruir. Mas a figura do canibalismo estará apta à função de conceituar o ato tradutório? A resposta daria uma outra tese, tal não será o nosso objetivo, no entanto, em algumas linhas tentarei provocar o meu leitor.

A transformação é resultado da preocupação do devorador em fazer sobreviver, incorporar as qualidades próprias do devorado: original e tradução se confundem na façanha babélica. É no corpo-a-corpo das línguas que se dá a Desconstrução, que ocorre a tradução. Derrida fala em termos de “dom”, algo que herdamos, mas que pertence sem nos pertencer. O dom (*gift*) da linguagem dado ao homem por Deus, mas que lhe é tomado de volta com a seguinte ação: Ele, *Ba-bel*, o Deus como pai “envenena o presente” (*Gift the gift*) (“Às voltas com Babel”, p. 9).

A apropriação, e não uma qualquer, mas a do corpo das línguas, é vista como um refazer, um recriar o texto. Em seu artigo “Da Tradução como Criação e como Crítica” (1967), Campos fala da impossibilidade da tradução de poesia e prosa. No nosso caso, o título *Des tours de Babel*, com seu recurso poético – a homofonia – revela essa impossibilidade. Diante disso, seria preciso substituir os conceitos de poesia e prosa pelo de *texto* (cf. p. 23; grifo do autor). Enquanto produção de textos *criativos*, a tradução para Campos será sempre “recriação” ou “criação” paralela, autônoma, porém recíproca. Sua noção de “criação” difere daquela em que se postula uma tradução “fiel” em seu sentido mais estrito, embora a “fidelidade” em relação à tradução esteja implicada por ambas as posturas críticas.

Apropriação e ex-apropriação, detemo-nos um pouco na questão da ex-apropriação; aqui, um movimento, ao mesmo tempo, para fora e para dentro: a língua é herdada, pertence sem nos pertencer (do mesmo modo o nome próprio). Um movimento de apropriação e expropriação que se exacerba na tradução, que se condensa na expressão *ex-apropriação*. A interpretação pode ser também criação, invenção de significação (raciocínio por analogia, fator essencial de invenção).

Recriar a língua do outro, a língua do hóspede, a língua do estrangeiro, até mesmo do imigrante, do emigrado ou do exilado. Que tipo de política seria responsável por fazer do plural e do singular, a começar pelas diferenças entre as línguas, o movimento desconstrutivista em que o espaço da interpretação seja possível? Um dos limites das teorias da tradução é não considerar a possibilidade de as línguas estarem implicadas em mais de uma. Como interpretar o efeito da pluralidade? A resposta talvez esteja na questão do reenvio, das remessas. A própria linguagem é constituída por um jogo sistemático de remessas significantes. Traduzir é reescrever, transformar, apropriar, recolocando um determinado texto; com isso, a tradução torna-se inadequada, violenta e forçada e estrangeira. Um ato de canibalismo em que se apropria, ex-apropriando os conteúdos culturais envolvidos no ato tradutório. Reconhece-se que ao traduzir um texto “original” para um novo recipiente cultural diferente, uma forma de alteração e ajuste e, conseqüentemente, um grau de manipulação, invariavelmente acontece.

Isso implica tocar nos limites de um determinado conceito de tradução, o que acarreta tocar nos vários problemas de “método”, de leitura e de ensino. É preciso, ao menos, tentar reconhecer, no interior da tradutibilidade, duas traduções: uma, regulada de acordo com o modelo clássico de univocidade transportável ou de polissemia formalizável; a outra que transborda na disseminação, perpassando a linha que separa a

crítica e a *Desconstrução*. Trata-se de um problema político-institucional da universidade, esta, como todo ensino em sua forma tradicional e talvez todo ensino, tem por ideal, com uma tradutibilidade exaustiva, a obliteração da língua (do outro).

Desconstrução de uma instituição pedagógica e de tudo o que ela implica. O que esta instituição não suporta é que se toque na língua, *ao mesmo tempo* na língua *nacional* e, paradoxalmente, em um ideal de tradutibilidade que neutraliza essa língua nacional. Nacionalismo e universalismo indissociáveis. O que essa instituição não suporta é uma transformação que não deixa intactos nenhum desses dois pólos complementares. Ela suporta, melhor, os “conteúdos” ideológicos aparentemente os mais revolucionários, contanto que eles não toquem nos limites da língua e em todos os contratos jurídico-políticos que ela garante. É esse “intolerável” que me interessa aqui (Parages, 1986, p. 141).

Esse intolerável é o que mais desafia a tradução de forma retórica e canibalesca, ele deve ser digerido, deglutido. É nessa digestão que se dá a tradução, o produto dessa transformação que tem suas implicações muito mais com a forma do que propriamente com o conteúdo. A lei do original está na forma e, este, o sobrevivente, está em processo de transformação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BENJAMIN, W. (2000). *Œuvres I*. Paris: Gallimard.
- BÍBLIA SAGRADA (1969). *Antigo e Novo Testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição revista e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.
- CAMPOS, A. (1978). *Verso, reverso, controverso*. São Paulo: Perspectiva.
- CAMPOS, H. (1992). *Metalinguagem e outras metas*. São Paulo: Perspectiva.
- DERRIDA, J. (1971). *A Escritura e a Diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva.
- _____. (1972a). *La Dissémination*. Paris: Editions du Seuil.
- _____. (1972b). *Positions*. Paris: Galilée.
- _____. (1973). *Gramatologia*. Trad. Miriam Schnaidermann e Renato Janini Ribeiro. São Paulo: Perspectiva/EDUSP.
- _____. (1980). *La Carte Postale: de Socrates à Freud et au-delà*. Paris: Flammarion.
- _____. (1982a). “Des tours de Babel”. Trad. Stefano Rosso. In: *Babele*, aut aut 189-190, maio.
- _____. (1982b). *L'Oreille de l'Autre: otobiographies, transferts, traductions*. Montréal: VLB.
- _____. (1987). “Torres de Babel”. Trad. Carmen Olmedo e Patricio Peñalver. In: *ER, Revista de Filosofia*, nº 5, ano III.
- _____. (1987-1998). *Psyche: inventions de l'autre I*. Paris: Galilée.
- _____. (1990a). *L'Archéologie du Frivole*. Paris: Galilée.
- _____. (1990b). *The Ear of the Other: otobiography, transference, translation*. Trad. Peggy Kamuf. Lincoln e Londres: University of Nebraska Press.
- _____. (1991a). *Limited Inc*. Trad. Constança Marcondes César. Campinas: Papirus.
- _____. (1991b). *Margens da Filosofia*. Trad. Joaquim T. Costa e Antônio M. Magalhães. Campinas: Papirus.
- _____. (1999a). “Qu'est-ce qu'une traduction 'relevante'?”. In: *Quinzièmes assises de la traduction littéraire (Arles 1998)*, Actes Sud.
- _____. (1999b). *O Olho da Universidade*. Trad. Ricardo Iuricankó e Ignacio Antonio Neis; Introd. Michel Peterson. São Paulo: Estação Liberdade.
- _____. (2001). *Posições*. Trad. Tadeu Tomaz. Belo Horizonte: Autêntica.
- _____. (2002). *Torres de Babel*. Trad. Junia Brandão. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- _____. (2003). *A Universidade sem Condição*. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade.

- FERREIRA, E. (2003). *Jacques Derrida e o récit da tradução: o Sobreviver/Diário de Borda e seus transbordamentos*. Tese de doutorado. Campinas.
- GRAHAM, J. F. (1985). *Difference in Translation*. Ithaca/Londres: Cornell University Press.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. (2001). *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- _____. (2001). *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa 1.0*. Rio de Janeiro: Instituto Antônio Houaiss/Editora Objetiva Ltda.
- HUSSERL, E. (1995). *L'origine de la géometrie*. Trad. Jacques Derrida. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.
- JAKOBSON, R. (1995). *Linguística e Comunicação*. São Paulo: Cultrix, 9ª edição.
- OTTONI, P. (1998). *Tradução: a prática da diferença*. Campinas: Editora da Unicamp/FAPESP.
- _____. (1996). "Compreensão e interpretação no ato de traduzir: reflexões sobre o enunciado e a significação". In: *Trabalhos de Linguística Aplicada*, nº 28, pp. 19-26.
- _____. (2005). *Tradução manifesta: double bind & acontecimento, seguido de Fidelidade a Mais de Um: merecer herdar onde a genealogia falta, de Jacques Derrida*. Campinas e São Paulo: Editora da Unicamp/Edusp.
- SILVA, F. F. (2006). *À voltas com Babel: Derrida e a tradução (catacréstica)*. Tese de doutorado. Campinas: Unicamp.
- SISCAR, M. (1998). *Jacques Derrida: rhétorique et philosophie*. Paris: L'Harmattan.